

Amazonas, Marañon, Ucayali:

olhares, experiências, escritos



Expedição pelo Rio Amazonas, século XIX. *Veja*, 22 out. 2021, fotografia, montagem (detalhe).

Márcia Regina Capelari Naxara

Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista (Unesp-Franca). Pesquisadora do CNPq. Autora, entre outros livros, de *Fragmentos da identidade Brasil: espaços, escritas, paisagens*. São Paulo: Intermeios, 2018. marcia.naxara@unesp.br

Amazonas, Marañon, Ucayali: olhares, experiências, escritos*

Amazonas, Marañon, Ucayali – views, experiences, writings

Márcia Regina Capelari Naxara

RESUMO

A Amazônia ganha relevo quando se visualiza o território que veio a constituir a América. Foi explorada ao longo do tempo, tanto pela curiosidade e cobiça, como pelo desejo de ampliação do conhecimento do mundo. Para pensar historicamente a sua constituição e a de seus diferentes espaços, considero a referência inaugural de Francisco de Orellana relatada por Frei Gaspar de Carvajal e, na sequência, dois autores (um romântico e um modernista): o poeta Gonçalves Dias, que conheceu a região em 1861, e, pouco mais de meio século à frente, Mário de Andrade, “turista aprendiz” que navegou pelo rio em 1927. Os relatos transmitem experiências vivenciadas por autores que tinham o olhar educado pela arte e por leituras pregressas, tendo produzido textos que nos alcançam com grande força e permanência, em especial se consideramos os riscos dos avanços predatórios em áreas de rios e florestas, preocupação presente em Willi Bolle, que refez o percurso de Orellana (2006-07) e a narrativa de Davi Kopenawa e Bruce Albert – *A queda do céu – relato de vida de quem é e fala da floresta* (França, 2010; Brasil, 2015).

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; viagens; relatos.

ABSTRACT

*The Amazon gains prominence when we visualise the territory that came to constitute America. It has been explored over time, both out of curiosity and greed, as well as the desire to expand our knowledge of the world. In order to think historically about its constitution and that of its different spaces, I consider the inaugural reference of Francisco de Orellana reported by Frei Gaspar de Carvajal and, subsequently, two authors (one romantic and one modernist): the poet Gonçalves Dias, who visited the region in 1861, and, just over half a century later, Mário de Andrade, “turista aprendiz” who sailed the river in 1927. The accounts convey experiences lived by authors who had their eyes educated by art and previous readings, having produced texts that reach us with great strength and permanence, especially if we consider the risks of predatory advances in the areas of rivers and forests, a concern present in Willi Bolle, who retraced Orellana’s route (2006-07) and the narrative by Davi Kopenawa and Bruce Albert – *A queda do céu – relato de vida de quem é e fala da floresta* (France, 2010; Brazil, 2015).*

KEYWORDS: Amazon; travels; reports.

* Versão preliminar deste texto foi apresentada com o título América amazônica: olhares, experiências, escritos, no XX Congresso de Ahila (Asociación de Historiadores Latinoamericanistas Europeos), na Universidad de Nápoles “L’Orientale”, Itália, entre 2 e 6 set. 2024.



*“Pasmado quando entra no grande leito do Amazonas,
perdido nesta imensidade...”*
Gonçalves Dias (1861).¹

Muitos dos viajantes que tiveram a oportunidade de conhecer a Amazônia manifestaram seu assombro com relação aos rios e à floresta. Navegaram por suas águas detendo-se nas áreas ribeirinhas e entrando em contato com os habitantes do seu entorno – tanto indígenas como de outras diferentes origens que, com a colonização haviam, progressivamente, ocupado a vasta região. Em seu primeiro contato, considerando em especial a centralidade do Amazonas, Gonçalves Dias (1823-1864) registrou o pasmo perante os inesperados volume e imensidão do rio; Euclides da Cunha (1866-1909), após decepção inicial, registrou o assombro da sua grandiosidade.² Ambos concordaram quanto à necessidade de auxílio da reflexão para que as expectativas e sensações, alimentadas pela imaginação, possibilitassem a realização do sentimento e do “assombro” frente a tal (repito) grandiosidade.³ Espaço ainda pouco explorado, prestando-se a diversas construções do pensamento, decorrentes do impacto e do inevitável deslumbramento sempre presente em relação às sensibilidades e sensações então despertadas.

Entre os muitos escritos que contêm a experiência de viagem no espaço conformado como Amazonia, escolhi partir do primeiro empreendimento de Francisco de Orellana, relatado por Frey Gaspar de Carvajal⁴ – que, em 1541, percorreu o rio e desencadeou grande parte do imaginário que dele permaneceu ao longo do tempo – para, na sequência trazer alguns elementos das experiências vividas por Gonçalves Dias⁵, em 1861, e Mário de Andrade, em 1927⁶, poetas e escritores importantes para pensar as formas como o Brasil foi sendo imaginado e conhecido ao longo do tempo. Já no século XXI, Willi Bolle, entre 2006 e 2007, refez o caminho da expedição de Orellana, em projeto

¹ DIAS, Antônio Gonçalves. *Viagem pelo rio Amazonas: cartas do Mundus Alter*. Brasília: Senado Federal/ Conselho Editorial, 2011, v. 151, p. 13 [Texto apresentado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 12 de maio de 1854, publicado no tomo XVIII da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil* em 1855]. Ver, nota 1, Carta dirigida a Antônio Henriques Leal: “Saiu esta carta, única que escreveu o poeta sobre o assunto, por isso que teve de retirar-se apressadamente para a corte onde sobreveio-lhe a terrível moléstia que o perseguiu até o fim da vida, em dezembro de 1861, no *Progresso*, jornal que eu então redigia”. *Idem, ibidem*, p. 11.

² Ver CUNHA, Euclides da. Discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras. In: *Contrastes e confrontos*. São Paulo-Rio de Janeiro: Cultrix/INL-MEC, 1975.

³ Texto que guarda relação com *idem*, Experiências amazônicas (modernos, românticos e modernistas), publicado em NAXARA, Márcia, LEME, Marisa Saenz e CAMILOTTI, Virgínia (orgs.). *Historiar: narrativas, conceitos, linguagens*. São Paulo: Intermeios, 2024.

⁴ Ver CARVAJAL, Frei Gaspar de. *Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo capitão Francisco de Orellana*. São Paulo-Brasília: Scritta/Consejería de Educación de la Embajada de España, 1992.

⁵ Ver DIAS, Antônio Gonçalves, *op. cit.*

⁶ Ver ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz: viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega*. Brasília: Iphan, 2015 [1927].

que acentuou a Amazônia como “região universal” e “teatro do mundo”, acompanhado da leitura do relato de Carvajal como parte de projeto mais amplo sobre a região, coordenado por Joachim Bernauer, do Instituto Goethe, além de vários outros participantes, entre os quais marcaram presença os indígenas yanomami como “voz da floresta”.⁷ Dos yanomami, o importante relato *A queda do céu*: palavras de um xamã yanomami, de Davi Kopenawa e Bruce Albert⁸, nos dá acesso ao relato de uma concepção e compreensão outra do mundo, entre as muitas das populações indígenas brasileiras, com perspectivas outras a serem compartilhadas, referidas ao final.

Acompanhando a cronologia, podemos ler em Frey Gaspar de Carvajal (1851 – publicado em 1894):

*O rio era caudaloso por causa de muitos outros rios que desaguavam nele pelo braço direito, na direção sul. Viajamos durante três dias sem avistar povoamento algum. Notamos que havíamos nos afastado muito do lugar onde nossos companheiros tinham ficado e que o pouco que tínhamos trazido para nosso sustento, havia acabado. [...] mesmo que quiséssemos retornar rio acima, não era mais possível por causa da força da correnteza e tentar voltar por terra, era igualmente impossível. Estávamos correndo risco de vida por causa da terrível fome que nos oprimia [...] e decidimos seguir o rio ou morrer, ou ver o que havia nele, confiando que Nosso Senhor acharia por bem conservar as nossas vidas até remediar ou mitigar a nossa angústia.*⁹

Em Gonçalves Dias (1861):

Pasmado quando entra no grande leito do Amazonas, perdido nesta imensidade, o viajante pensa consigo: “Lá mais em cima, estas águas se hão de tornar menos volumosas, hão de estreitar-se estas margens, este colosso há de enfim cair debaixo da ação e compreensão dos sentidos humanos!”

Nesta esperança passa o Xingu, Tapajós, Trombetas, Madeira (gigantes também), e o rio é sempre o mesmo!

*Deixa atrás o imenso cabedal do rio Negro, com as suas águas que espantam pela cor, – o Japurá semelhante ao Nilo, com as suas sete bocas, o Purus, Ucayale, Uallaga, e entre este, o Coari, Tefé, Javari, Napo, centenas de outros; e o eterno rio, na distância de oitocentas, de novecentas léguas ainda parece o mesmo!*¹⁰

E em Mário de Andrade (1927 – publicado em 1976):

Eu gosto desta solidão abundante do rio. Nada me agrada mais do que, sozinho, olhar o rio no pleno dia deserto. É extraordinário como tudo se enche de entes, de deuses, de

⁷ Ver BOLLE, Willi, CASTRO, Edna e VEJMEKKA, Marcel (orgs.). *Amazônia: região universal do teatro do mundo*. São Paulo: Globo, 2010.

⁸ KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

⁹ CARVAJAL, Frei Gaspar de, *op. cit.*, p. 33-35. Inicialmente inserido, em 1851, na *História general de las Indias*, do cronista Gonzalo Fernández de Oviedo, tal escrito permaneceu praticamente inédito até 1894 quando, organizado por José Toribio Medina, foi publicado com o título “*Descubrimiento del río de las Amazonas*. Según la relación (hasta ahora inédita) de Fr. Gaspar de Carvajal, con otros documentos referentes á Francisco de Orellana y sus compañeros, publicados á expensas Del Excmo. Sr. Duque de T’serclaes de Tilly, con una Introducción histórica y algunas ilustraciones por José Toribio Medina (de la Academia Chilena, Correspondiente de las Reales Academias de la Lengua y de la Historia, de la de buenas Letras de Sevilla y del Instituto Geográfico Argentino). Sevilla, Imprenta de E. Rasco, MDCCXCIV [1894]”. *Idem, ibidem*, p. X (introdução).

¹⁰ DIAS, Antônio Gonçalves, *op. cit.* p. 13 e 14.

seres indescritíveis por detrás, sobretudo se tenho no longe em frente uma volta do rio. Isto não apenas neste Amazonas, mas sobretudo em rios menores, como no Tietê, no Moji. É fulminante. O rio vira de caminho lá no fim do estirão, a massa indiferente dos verdes barra o horizonte, e tudo se enche de mistérios vivos que se escondem lá detrás. A cada instante sinto que a revelação vai se dar, grandiosa, terrível, lá da volta do rio.¹¹

Viagem inaugural – entre mitos e lendas

Frei Gaspar de Carvajal acompanhou Francisco de Orellana na primeira expedição que, procurando explorar a região, em busca – primeiro, da inexistente canela e, na sequência, de alimentos –, tendo Quito por ponto de partida, desceu o Rio Napo para alcançar o Marañon, que, a partir da desembocadura do Rio Negro, passou a ser nomeado Amazonas, conformando extensa região de rios e florestas – Amazônia –, atualmente compartilhada por várias nações: Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa. Região que, ao longo do tempo, despertou e continua a despertar interesse, tendo-se tornado central à geopolítica na América amazônica, em especial, o Brasil. A lembrar que, na formação original que dividiu a América entre Portugal e Espanha, a linha de Tordesilhas (1494) implicava que a Amazônia, praticamente por inteiro, estaria localizada em território sob domínio espanhol, além, como nos lembra Márcio Souza, da autonomia por grande tempo vivida pela Província do Grão-Pará e Rio Negro com relação ao restante do que veio a se tornar o Brasil¹², definindo diferenças marcantes nas relações políticas que vieram a se constituir a partir da centralização do poder político, primeiro em Salvador e, depois, no Rio de Janeiro.

Amazonas, denominação que passou a abarcar extensa região geográfica, coincidente com a alusão à existência, efetiva ou não, das “amazonas” referidas por Orellana e Carvajal quando da sua passagem pelas proximidades dos Rios Trombetas e Tapajós. A viagem, marcada pelas agruras de uma tripulação que sobreviveu, a duras penas, num ambiente desconhecido, em contato com diferentes povos indígenas com os quais grande parte das vezes guerrearam, tem como dos seus mais lembrados pontos, o episódio das “amazonas”, de quem ouviram falar mas com quem nunca tiveram contato direto. Amazonas que entram no imaginário como mulheres guerreiras e autônomas, “sem marido”, que passaram a habitar a literatura como portadoras de riquezas e de uma vida diferenciada com relação à dos demais indígenas que habitavam a floresta naquele momento.

Diante da repercussão histórica relativa à sua existência, efetiva ou não, Gonçalves Dias realizou, por encomenda do Imperador Pedro II, extensa pesquisa, consultando relatos de “viajantes antigos e modernos”¹³, em busca de referências que pudessem corroborar a realidade da sua existência – as antigas e as modernas – e, em especial, na Amazônia brasileira, foco de interesse. Considero, aqui, somente algumas dessas referências entre as tantas que o autor encontrou: partindo de Colombo que teria tido notícias a seu respeito na



¹¹ ANDRADE, Mário de, *op. cit.*, p. 104.

¹² Ver SOUZA, Márcio. *Amazônia: regional e universal*. Manaus: Valer, 2024, p. 18 e ss.

¹³ DIAS, Antônio Gonçalves, *op. cit.* p. 51 e 52.

América, para chegar, entre outros, a Orellana e retomar a literatura, incluindo Pedro Petit (*Dissertatio de Amazonibus*) e o Abade Guyon (*Histoire des Amazones anciennes et modernes*), que haviam concluído pela sua existência, além de tradições poéticas, que contariam com Horácio, por exemplo, afora as letras sagradas, que foram ganhando foro de verdade pela repetição e aceitação.¹⁴

Gonçalves Dias segue recuperando outras tradições que circulavam entre os antigos, relativas à verossimilhança ou não de seus feitos, procurando aproximar possibilidades entre o real e o fantasioso. Por outro lado, afirma não serem encontradas referências a tais mulheres em Homero ou em Platão e, mesmo Humboldt, já nos tempos modernos, não as teria afirmado categoricamente. Percorre, ainda, tradições na África e na Ásia, além de possíveis semelhanças na Europa.

Na América, observa, adquiriu importância a “pedra das amazonas” (*Amazonen stein*) – com significativa discordância e debate quanto à sua classificação. Pedras que, “por muito tempo se encontraram nas mãos dos indígenas do Amazonas, ainda com mais facilidade se achavam no rio Tapajós, não obstante serem raríssimas em toda a parte”. Na nota 47, Gonçalves Dias cita trecho de La Condamine: “Os tapajós mostram certas pedras verdes, que dizem ter herdado de seus pais, e que estes as obtiveram das *Congnantain-secouima*, quer dizer, na sua língua, mulheres sem marido, em cujo país abundam aquelas pedras”.¹⁵

Após outras considerações em que questiona as possibilidades da ocorrência das pedras verdes na Amazônia, indaga dos motivos de Orellana para a sua assertividade, ao reproduzir fábulas que vinham de escritores da antiguidade, por ele adornadas com novos elementos. Para Gonçalves Dias, a inconsistência é visível, tanto em Orellana como na afirmação do Padre Crístóvão da Cunha um século depois. Ele se refere a Orellana como pessoa que ardia em “desejos de se tornar célebre por uma descoberta própria”, daí o “atrevido projeto de navegar o Amazonas, seguindo-o em todo o seu curso até encontrar-se com o oceano”¹⁶, além da inserção do “maravilhoso”, conferindo às Amazonas riquezas não propriamente vistas, exageros que chegaram a ser apontados por viajantes posteriores, como Gomara, Vega, Herrera e Manuel Rodrigues.¹⁷ Este último, indica Gonçalves Dias, afirma que Orellana conhecia bem o “gênio da sua época”, lembrando que “foi a terra das amazonas o que ele pediu ao Imperador Carlos V”, tendo obtido a “carta patente de governador generalíssimo do rio das Amazonas para o recompensar de as ter subjulgado, em nome de Sua Majestade católica”.¹⁸

As contradições são significativas – Orellana teria ouvido falar das guerreiras “mulheres sem marido”, mas não as teria efetivamente conhecido; as referências advinham tanto dos conquistadores como de indígenas, cabendo observar que Gonçalves Dias coloca ênfase em que tal tradição circulava mais entre os viajantes espanhóis, havendo menor credulidade por parte dos portugueses. Nesse sentido, enfatiza a vaidade como elemento importante,

¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 56.

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 71. Citação remetida, no rodapé, para La Condamine, p. 104, edição de 1745.

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 77 e 78.

¹⁷ Ver *idem, ibidem*, p. 74.

¹⁸ *Idem, ibidem*, p. 79.

presente entre os viajantes que tendiam a destacar o maravilhoso em suas narrativas, tendo Orellana por referência direta, a quem não teria bastado ter percorrido o extenso e desconhecido rio em sua integralidade: “ardendo em desejos de se tornar célebre por uma descoberta própria, formou o atrevido projeto”, anunciando a descoberta de “nações tão ricas que o pavimento de seus templos era alastrado de placas de ouro”, além de descrever “uma república de mulheres guerreiras e belicosas que tinham avassalado considerável trato das férteis planícies por ele visitadas”.¹⁹ Ao final, avaliando as diferentes referências com relação às Amazonas, Gonçalves Dias afirma que são, não somente as de Orellana, “de pura imaginação”²⁰, concluindo, de forma peremptória, por afirmar que “nem na Europa, nem na América existiram”.²¹

Olhares sensíveis: Gonçalves Dias e Mário de Andrade

Há diferenças significativas entre as viagens aqui consideradas, uma vez que realizadas em temporalidades diversas (séculos XIX, XX e XXI), com variadas motivações a impulsioná-las: Gonçalves Dias viajou a serviço do Imperador, em missão de trabalho, como membro encarregado da Seção de Etnografia da Comissão Científica de Exploração²², que, depois de muitos preparos e contratemplos, partiu do Rio de Janeiro e seguiu a costa brasileira até adentrar o Rio Amazonas em 1861, como já assinalado; Mário de Andrade viajou como turista – “turista aprendiz” – em cruzeiro da Lloyd, companhia brasileira de navegação, em viagem organizada por Olívia Guedes Penteado, que contava também com a companhia das jovens Margarida Guedes Nogueira (Mag) e Dulce do Amaral Pinto (Dolur).²³

Autores que se tornaram viajantes e que conheceram e experimentaram a Amazônia. Viajantes portadores de olhares simultaneamente poéticos e investigativos, além de conhecimentos pregressos e reflexões sobre a formação do país, sua história e suas gentes, em que pesem suas diferentes história e formação. O primeiro, Gonçalves Dias, autor que nos representa na poesia romântica em posição de destaque, tendo a pátria como tema central e a natureza brasileira habitada por indígenas idealizados em personas originárias imaginadas em processo e elemento de imersão no que seriam historicamente Brasil e brasileiros, em poesias vazadas na saudade, que nos fala muito de

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 78-80. O autor enfatiza as circunstâncias da viagem, chamando a atenção para o fato de Orellana ter-se sublevado e desobedecido às ordens de Pizarro.

²⁰ *Idem, ibidem*, p. 83.

²¹ *Idem, ibidem*, p. 105.

²² A Comissão foi composta por 5 seções: Botânica, Mineralogia, Zoologia, Astronomia e Geografia, e Etnografia. Cf. PEREIRA, Lúcia Miguel. *A vida de Gonçalves Dias*. Brasília: Senado Federal/Conselho Editorial, 2018, v. 226, p. 293.

²³ Em abril de 1924, Mário de Andrade havia participado de uma “viagem de descoberta do Brasil”, com o grupo modernista paulistano que esteve em Minas Gerais, de que fazia parte Olívia Guedes Penteado. Quando do convite, em 1927, em que pese a expectativa de um grupo maior que faria a viagem para a Amazônia, embarcaram somente ele, D. Olívia, acompanhada de sua sobrinha Margarida Guedes Nogueira, Mag, e de Dulce do Amaral Pinto, Dolur, filha da pintora Tarsila do Amaral. Cf. LOPEZ, Telê Ancona e FIGUEIREDO, Tatiana Longo. Por esse mundo de páginas. *In*: ANDRADE, Mário de, *op. cit.*, p. 20 e 21. Cabe registrar que Olívia Guedes Penteado foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, e teve participação ativa na “Revolução Constitucionalista de 1932” e seus laços familiares ancestrais remetem para Fernão Dias Paes Leme. Cf. <<http://ihgsp.org.br/wp-content/uploads/2018/03/OI%C3%ADvia-Guedes-Penteado-e-a-Revolu%C3%A7%C3%A3o-de-32.pdf>>. Acesso em 2 jan. 2025.

perto – saudade da terra natal quando de sua permanência, ainda jovem, em Portugal. Cabe lembrar que sua obra poética já estava toda ela escrita quando teve oportunidade de conhecer de perto a região amazônica e as populações que a habitavam. O segundo, Mário de Andrade, modernista, portador de interesse para com as coisas do país, em busca incessante do conhecimento de seus habitantes e das diferenças contidas na sua unidade política e na diversidade física – gentes e lugares – de seu amplo território, viaja com o olhar curioso para com o ambiente antes literário e, naquele momento, real, anotando o que vê, sente e “inventa” para compor o que irá contar aos seus leitores.

Da poesia de ambos, trago pequenos excertos, que os aproximam e afastam, pelo tempo e perspectiva em que foram escritos: Gonçalves Dias tem na “Canção do exílio” uma referência obrigatória, marcada pelo tema da saudade da pátria e, no “Canto do guerreiro”, a saga do indígena idealizado; Mário de Andrade em “Tietê”, rio que atravessa a cidade e o estado de São Paulo, fala do seu lugar de origem e vida, em referência ao rio por meio do qual os bandeirantes adentraram as terras interiores do Brasil.

“Canção do exílio” (Coimbra, julho 1843)²⁴

*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.*

*Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.*

[...]

*Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu’inda aviste as palmeiras,
Onde canta o sabiá.*

“O canto do guerreiro” (Primeiros cantos, 1846)²⁵

*I
Aqui na floresta
Dos ventos batida,
Façanhas de bravos
Não geram escravos,
Que estimem a vida
Sem guerra e lidar.
– Ouvi-me, guerreiros.*

²⁴ DIAS, Antônio Gonçalves. Canção do exílio. In: *Melhores poemas*. São Paulo: Global, 1997, p. 16.

²⁵ *Idem*, O canto do guerreiro. In: *Melhores poemas*, op. cit., p. 17.

– Ouvi meu cantar.

II

Valente na guerra

Quem há, como eu sou?

Quem vibra o tacape

Com mais valentia?

Quem golpes daria

Fatais, como eu dou?

– *Guerreiros, ouvi-me;*

– *Quem há, como eu sou?*

“Tietê” (*Paulicea desvairada*, 1922)²⁶

Era uma vez um rio...

Porém os Borbas-Gatos dos ultra-nacionais esperiamente!

Havia nas manhãs cheias de Sol do entusiasmo

as monções da ambição...

E as gigantes vitórias!

As embarcações singravam rumo do abismal Descaminho...

Arroubos... Lutas... Setas... Cantigas... Povoar!

Ritmos de Brecheret!... E a santificação da morte!

Foram-se os ouros... E o hoje das turmalinas!...

– *Nadador! Vamos partir pela via dum Mato-Grosso?*

– *Io! Mai!... (Mais dez braçadas.*

Quina Migone. Hat Stores. Meia de seda.)

Vado a pranzare con la Ruth.

Dois olhares: um romântico e um modernista, em relatos que falam tanto aos sentidos como à imaginação, sempre despertada quando se trata das diferentes formas pelas quais se procurou apreender a Amazônia. Os viajantes têm suas percepções do espaço marcadas por olhares enriquecidos não somente pelas sensibilidades pessoais decorrentes de sua formação, mas pelo interesse quanto às formas pelas quais a região, que assoma no conjunto do território brasileiro, colabora para sua conformação e para a diversidade da nação.

Gonçalves Dias viaja a trabalho, carregando em seu corpo os males causados pela tuberculose que já o acometia na ocasião, além de levar, no pensamento e na emoção, os desacertos familiares por que passava²⁷, que parecem preencher sua mente e rivalizar com a experiência da floresta e do espaço amazônico. Sua narrativa é apontada por Lúcia Miguel Pereira²⁸ como econômica no descrever a relação homem/natureza, ainda que seja ele o grande poeta romântico que, antes mesmo da viagem, havia produzido a “Canção do exílio” e o “Canto do guerreiro”, além de “Os timbiras” e “I-Juca-Pirama”,



²⁶ ANDRADE, Mário de. Tietê. In: *Paulicéa desvairada*. São Paulo: Casa Mayença, 1922, p. 61 e 62.

²⁷ Sua biografia assinala a existência de um grande amor não realizado, tendo em vista a recusa do consentimento dos pais de Ana Amélia, devido à sua origem mestiça. Garbuglio assinala a forte presença desse amor em seus poemas, como, por exemplo, em “Se se morre de amor” e “Ainda uma vez, adeus!” Ver GARBUGLIO, José Carlos. Introdução. In: DIAS, Antônio Gonçalves. *Melhores poemas*, op. cit., p. 11.

²⁸ Ver PEREIRA, Lúcia Miguel, op. cit., p. 293.

todos poemas que aguçam a sensibilidade e, em especial, a expressão de sentimentos como saudade e pertencimento tanto à terra como a seus povos.

Em carta dirigida a Henriques Leal (dez. 1861) manifestou sua admiração ao declarar o assombro provocado pelo contato com o rio, em sentimento compartilhado por muitos outros viajantes, como assinalado na epígrafe inicial. Carta única, redigida pouco tempo após sua saída da região, em que conta ao amigo uma síntese de como sentiu a Amazônia dando vazão a sensações provocadas pelo contato com a floresta e, em especial, com o rio, apontado como estando acima da “compreensão dos sentidos humanos”, pela grandiosidade e volume das suas águas em seu poder de simultânea criação e destruição de margens, ilhas e praias, que “faz ele ou desmancha com assombrosa facilidade”.²⁹

Chama a atenção a descrição do espetáculo “assombroso” das “terras caídas”, presente também em outros viajantes, dos quais podemos lembrar o conto “Inferno verde”, de Alberto Rangel.³⁰ Fenômeno que ocorreu ao menos uma vez na viagem de Gonçalves Dias: “terras caídas”, em que as ilhas e a calha do rio subitamente desabam – sem qualquer aviso, casas, plantas e tudo que houver tragado em segundos pelas águas, desaparecendo em meio ao violento movimento do rio. Isso configura cena, por si só impressionante, que fala com força à imaginação, agravada por momento em que Gonçalves Dias tinha a mente “povoada de espectros sombrios”³¹:

É lisa a superfície das águas; o céu sereno se retrata nelas como num espelho, as folhas não remexem, [...] Nada revela perigo, nem à inteligência do homem nem ao instinto do irracional.

*Nesta paz, neste, ao que parece, remansar das forças da natureza, ouve-se de repente um rugido como se os céus desabassem – árvores colossais oscilam, vergam, tombam como castelos de cartas! – a terra falta, desaparece [...] – tudo desaparece e se esvai como por encanto.*³²

Lúcia Miguel Pereira realça em sua biografia o quanto os percalços que seriam inerentes à viagem eram agravados pelo debilitado estado de saúde que o acompanhou desde a chegada e no decorrer do longo percurso de Manaus a Nauta, no Peru, pela Companhia do Amazonas, a partir de onde avançaram por canoa, em busca da nascente do rio. A biógrafa lamenta o laconismo das suas anotações, centradas nos registros geográficos e realizadas de modo técnico, acompanhando o modelo usual de viajantes que, dia a dia, indicam a localização, as posições das embarcações com relação ao rio e as condições de navegabilidade, além de experiências enfrentadas com a correnteza e eventuais incidentes. A expectativa alimentada era a de que, em algum momento, as águas se tornariam menos volumosas, de modo que o rio chegasse a “enfim cair debaixo da ação e compreensão dos sentidos humanos!”; no entan-

²⁹ DIAS, Antônio Gonçalves. *Viagem pelo rio Amazonas*, op. cit., p. 13 e 14.

³⁰ Ver RANGEL, Alberto. *Inferno verde* (Scenas e Scenarios do Amazonas), publicado em 1909, com prefácio de Euclides da Cunha. 4. ed. Tours: Typographia Arrault & Cia., 1927, p. 242-283.

³¹ PEREIRA, Lúcia Miguel, op. cit., p. 331 [cap. X: Na solidão amazônica – viagens pelos rios Amazonas, Madeira e Negro – contato com os índios – surto sentimental e poético – o caso da Semana Ilustrada].

³² DIAS, Antônio Gonçalves. *Viagem pelo rio Amazonas*, op. cit., p. 14.

to, “passa o Xingu, Tapajós, Trombetas, Madeira (gigantes também!) e o rio é sempre o mesmo!”³³

Gonçalves Dias realizou, ainda duas outras incursões antes de se retirar da Amazônia, voltadas para a inspeção e conhecimento das populações indígenas ribeirinhas. Percorreu o rio Madeira, entre 6 e 25 de julho, chegando a ultrapassar a fronteira com a Bolívia e, mais adiante, entre 15 de agosto e 5 de outubro, realizou sua incursão mais longa pelo rio Negro, alcançando o rio Uaupés na Colômbia.

Depois do regresso ao Rio de Janeiro, partiu para a Europa em busca de tratamento e, após estadia que não rendeu resultados positivos, iniciou, em condições bastante precárias, o retorno ao Brasil, mais especificamente, ao Maranhão, sua terra natal, tendo falecido, já próximo da chegada, no naufrágio do Ville de Boulogne, em 3 de novembro de 1864.³⁴ “Persuadido de que uma longa viagem por mar me há de ser de algum proveito”, escrevia a Antonio Henriques, com a ilusão dos tuberculosos, “resolvi-me a seguir para o Maranhão pelo Havre. Dizem-me que há um navio a sair no dia 10 do corrente. Se há, vou nele. Em outubro devo lá estar, se não ficar no mar”.³⁵

A carta, assim como outras manifestações de Gonçalves Dias, demonstra o desejo de alcançar o Maranhão e vir a viver seus últimos dias em sua terra natal e, simultaneamente, a clareza da sua difícil condição de saúde: “Em outubro devo lá estar, se não ficar no mar”, a que se pode aliar pequeno excerto da já citada “Canção do exílio”: “Não permita Deus que eu morra,/ sem que eu volte para lá”.

Mário de Andrade, por sua vez, oferece ao leitor uma outra experiência que, de certo modo, extravasa, de modo mais insistente, tanto a sensibilidade como a imaginação que viriam a alimentar seus projetos estéticos e políticos de redescoberta do Brasil.³⁶ Oferece ao leitor um texto trabalhado ao longo de muitos anos (a viagem datou de 1927 e a publicação, póstuma, de 1976³⁷), em que, ao lado da narrativa do visto e do sentido, incorporou elementos da sua própria criação, da qual podemos ressaltar a “invenção” dos indígenas Dó-Mi-Sol e dos mores dos Pacaás Novos que não chegou a conhecer, descritos como possuindo características diferenciadas que provocavam estranhamento com suas vestes e costumes, além de outros elementos importantes que recolheu das culturas locais, ribeirinhas, com quem estabeleceu contato. Viaja como “turista aprendiz”, autointitulado “antiviajante”, pois que

³³ *Idem, ibidem*, p. 14.

³⁴ Sobre o naufrágio e indagações suscitadas pelo fato dele ter sido a única vítima, vale ver a nota 672 da biografia já citada, PEREIRA, Lúcia Miguel, *op. cit.*, p. 456 e 457.

³⁵ DIAS, Antônio Gonçalves. Carta de Paris, 25 ago. 1864 (Arquivo do Instituto Histórico). In: PEREIRA, Lúcia Miguel, *op. cit.*, p. 669. Seu corpo nunca foi encontrado.

³⁶ Luiz Philippe Torelly considera *O turista aprendiz* um “dos mais importantes livros de ‘descobrimento’ do Brasil”, por apontar os diferentes espaços e gentes do país em suas também diferentes manifestações culturais, fundamentais para a consolidação de “uma visão de nacionalidade abrangente em oposição aos valores regionais até então majoritários”. TORELLY, Luiz Philippe. *O turista aprendiz* e o patrimônio cultural. In: ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*, *op. cit.*, p. 11 e 12.

³⁷ Mário de Andrade, como assinalado, conheceu a Amazônia em 1927 e veio a falecer em 1945. Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo trabalharam com os “documentos do processo criativo d’*O turista aprendiz*, depositados no Instituto de Estudos Brasileiros (USP), de que resultou a edição ora utilizada, acompanhada do CD-ROM – *Os diários do fotógrafo*. A primeira edição, da editora Duas Cidades, data de 1976.

avesso ao deslocamento de seu “lar”, sendo a saudade de casa elemento constante na narrativa. Viaja, também, com a curiosidade por aprender e apreender de perto a diversidade do Brasil, cabendo lembrar que, naquele momento, finalizava *Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter – título e personagem do romance que veio a ocupar lugar privilegiado na literatura e na reflexão sobre o Brasil em suas diferenças.

Em meio ao relato do cotidiano – compartilhado, como já assinalado, com as companheiras de viagem, D. Olívia Guedes Penteado, “rainha do café”, e as jovens Mag/Balança e Dolur/Trombeta³⁸, encontramos as impressões que, de modo semelhante a Gonçalves Dias e outros viajantes, intercalam o sentimento decorrente da monotonia do rio em meio à floresta – por fechar o espaço e interditar o horizonte – com aqueles que remetem a sensibilidades outras, vinculadas tanto a elementos da natureza em sua grandiosidade – a floresta em si, o Amazonas, os demais rios afluentes, além dos canais e, em especial, os indígenas e caboclos que foram encontrando pelo caminho, bem como os companheiros de viagem, nas diferentes classes da embarcação – o “vaticano” São Salvador – que os levava. Logo na chegada, antes mesmo de adentrar o Amazonas, sua atenção é mobilizada pelo encontro das águas, o embate entre rio e oceano, que impressionou a todos quantos lá estiveram e a propósito do qual afirma: “Estávamos todos trêmulos contemplando da torre-de-comando o monumento mais famanado da natureza. E vos juro que não tem nada no mundo mais sublime. [...] O avanço do rio e o embate das águas formavam rebojos e repiquetes tremendos cujas ondas rebentavam na altura de sete metros chovendo espumas espumas espumas roseadas pela manhã do Sol”.³⁹

Viajante de primeira classe, Mário de Andrade segue anotando a “vidinha de bordo” e registrando, com a sua “codaque”, número significativo de imagens, com foco simultaneamente disperso e atento, tanto ao conjunto como ao detalhe das paisagens natural e humana. Como muitos dos viajantes que estiveram na região, experimenta as sensações entre o movimento das águas e a sua quietude. A paisagem no interior da floresta, sempre semelhantemente igual ao olhar, é, por vezes, intercalada por situações surpreendentes como a do assustador fenômeno das terras caídas, já citado por Gonçalves Dias, que parece ser o mais espetacular, ainda que Mário de Andrade tenha encontrado um outro, encantador, ao avistar uma região de águas calmas, resguardadas da corrente do rio, em que “por detrás das embaúbas, e nos rincões do silêncio”, o rio forma “lagoas tão serenas que até o grito dos uapés afunda n’água” – onde as “vitórias-régias vivem, calmas, tão calmas, cumprindo o seu destino de flor”.⁴⁰

³⁸ Os apelidos foram introduzidos por Mário de Andrade, quando das leituras posteriores de revisão e preparação do texto para publicação. Indicado na apresentação – “Por esse mundo de páginas” –, de Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo, na edição ora utilizada: ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*, op. cit., p. 19-41. Também póstuma, guardando vínculos complexos com a viagem à Amazônia, no centenário do nascimento de Mário de Andrade, foi publicado, com organização de Telê Ancona Lopez, *Balança, Trombeta e Battleship ou O descobrimento da alma*. 2. ed. São Paulo: Instituto Moreira Salles/Instituto de Estudos Brasileiros, 1994.

³⁹ ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*, op. cit., p. 66.

⁴⁰ *Idem, ibidem*, p. 96-98.

Trata-se de texto de viagem em que brilham os recursos da imaginação, aliados às formas de construção do texto, que foi trabalhado durante longo tempo, como salientado na cuidadosa edição ora utilizada. Texto em que Mário de Andrade junta à experiência e observação do viajante a criação do intelectual interessado nas manifestações culturais, folclóricas ou não, da variada população que conheceu ou inventou no trajeto, em texto que envereda “por uma ficção de cunho surrealista”, nas palavras de José Miguel Wisnik, que considera, em especial, a criação/invenção de personagens e situações, como dos já referidos Dó-Mi-Sol.⁴¹

Depois de terem percorrido o Amazonas, Marañon, Ucayale, subido o Madeira e o Negro, iniciam, de Manaus, a viagem de volta – Belém, Marajó, seguindo a costa atlântica, fazendo algumas paradas até chegarem ao Rio de Janeiro e, na sequência, não sem alguns problemas, São Paulo. Uma vez em casa, Mário de Andrade faz jus ao título – *O turista aprendiz: viagens pelo Amazonas, até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega - 1927* – sendo emblemática, como já mencionei, a frase final com que, como bom “anti-viajante” que era, encerra o texto: “Fecha bem a porta, Bastiana! Fecha a porta com chave, Bastiana! atira a chave na rua!”⁴²

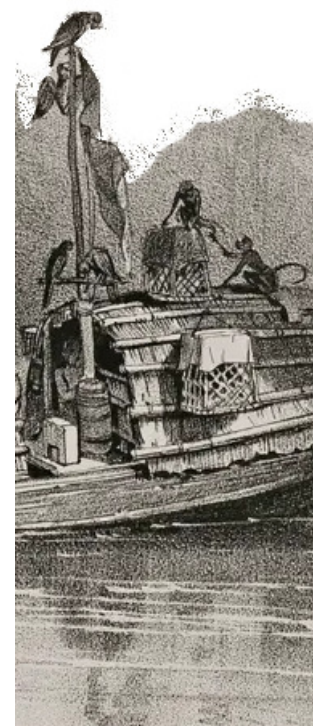
Olhares contemporâneos

O tema – importância da Amazônia no debate sobre as questões ambientais – tem ressonância aguda na contemporaneidade. A partir do texto inaugural de Carvajal, que nos informa sobre a viagem, também inaugural, de Orellana, busquei duas leituras distanciadas no tempo – tanto do relato de Carvajal, conhecido por todos que se interessam pela Amazônia como pelo conjunto da “descoberta” e “colonização da América”, em que a expansão ultramarina portuguesa e espanhola tiveram importância fundamental.

Os escritos sobre a região são múltiplos, ao expressarem sensibilidades que atravessam o tempo, no desafio constante de heranças compartilhadas com relação à história vivida após sua criação como América, a que se seguiram infindos processos migratórios – forçados e/ou livres – que marcam os mundos moderno e contemporâneo, que somaram aos povos originários, os primeiros colonizadores europeus, os negros introduzidos pelo complexo (e lucrativo) tráfico de escravos provenientes da África e, depois, os povos de diferentes nacionalidades que por aqui aportaram e continuam a aportar.

Encerro por referenciar duas publicações a nós contemporâneas, que demonstram a preocupação de muitos e colaboram para o diálogo que contempla visões renovadas com relação à história e à existência do Brasil e, em especial, da Amazônia no concerto das nações.

Entre 2006-07, Willi Bolle refez, em 30 dias, o percurso de Francisco de Orellana. Tendo Quito como ponto de partida realizou a travessia pelo Marañon/Amazonas, acompanhado do texto ancestral de Frei Gaspar de Carvajal, realçando o fato de que o mesmo não estivesse pautado “somente pela fidei-



⁴¹ Ver WISNIK, José Miguel. Dó-Mi-Sol do Norte. Disponível em <<https://blogbvps.com/2023/10/13/bvps-coletaneas-do-mi-sol-do-norte-por-jose-miguel-wisnik/>>. Acesso em 14 fev. 2024.

⁴² ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz, op. cit.*, p. 205.

dade aos fatos”, mas obedecido “também a interesses políticos”, tendo “permanecido inédito durante mais de trezentos anos”.⁴³ O excerto a seguir, pequeno trecho do relato de Bolle, redigido como viajante que junta seu olhar e percepção da paisagem à leitura que realiza do que foi o texto inaugural sobre a floresta e o rio:

*No encontro das águas, já tantas vezes descrito, o Solimões com sua cor barrenta, meio leitosa, acaba absorvendo as águas escuras do rio Negro, mas este parece se impor em termos de direção. Isso talvez seja só uma impressão, ou uma questão do relevo – assim como acima de Iquitos, perto da cidade de Nauta, em um lugar chamado Grau, o rio Marañon parece impor a sua direção ao rio Ucayali, mas este acabou sendo reconhecido como o rio formador mais longo do Amazonas.*⁴⁴

O relato se insere em conjunto mais amplo de reflexões sobre a região que ocorreram no Fórum Social Mundial, realizado em Belém em 2009, assim como o projeto multimídia, em defesa da floresta, coordenado por Joachim Bernauer, do Instituto Goethe, no qual “quem defende na ópera a voz da floresta é uma tribo da Amazônia: os yanomami”. Bolle chama a atenção para o esforço de diálogo e defesa realizados de modo compartilhado por “representantes da civilização ocidental (artistas, cientistas, profissionais da mídia, administradores) com os habitantes primitivos da floresta”.⁴⁵

A referência aos yanomami conduz ao importante livro *A queda do céu*: palavras de um xamã yanomami, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, cuja primeira edição, francesa, é aproximada à data dos eventos citados (2010), tendo a edição brasileira contado com a participação da Embaixada da França no Brasil, em 2015⁴⁶, que apoiou também a publicação do catálogo da exposição *Claudia Andujar: a luta Yanomami* (Instituto Moreira Salles, 2018). Kopenawa nos traz a visão dos yanomami em sua relação com a natureza e o estar no mundo, ao demarcar sua trajetória de vida a partir da floresta e do contato com o SPI (Serviço de Proteção aos Índios) e militares da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites (CBDL), ocasiões em que viveu o (des)encontro entre a floresta e a “civilização”. Nas palavras de Bruce Albert, no prólogo, trata-se de um livro que, “ao mesmo tempo relato de vida, autoetnografia e manifesto cosmopolítico, convida a uma viagem pela história e pelo pensamento de um xamã yanomami”.⁴⁷

Do longo relato, elaborado ao longo de muitos anos, retenho o período em que Kopenawa veio a conhecer São Paulo, precedido da participação em uma assembleia em Manaus – “primeira vez que falei da floresta longe de minha casa” – “não foi diante de brancos, e sim de outros índios!”, em época em que os “garimpeiros estavam começando a invadir nossas terras”.⁴⁸ É interessante ver como ele aborda o próprio aprendizado no falar para outros povos, incluindo brancos, também numerosos. Kopenawa narra suas aflições e

⁴³ BOLLE, Willi. A travessia pioneira da Amazônia (Francisco de Orellana, 1541-1542). In: BOLLE, Willi, CASTRO, Edna e VEJMEKKA, Marcel (orgs.), *op. cit.*, p. 30.

⁴⁴ *Idem, ibidem*, p. 2

⁴⁵ BOLLE, Willi. Apresentação. In: BOLLE, Willi, CASTRO, Edna e VEJMEKKA, Marcel (orgs.), *op. cit.*, p. 14.

⁴⁶ KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce, *op. cit.*

⁴⁷ ALBERT, Bruce. Prólogo. In: KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce, *op. cit.*, p. 43.

⁴⁸ KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. Falar aos brancos. In: *A queda do céu, op. cit.*, p. 385.

aprendizado, bem como os passos pelos quais “muitos brancos começaram a conhecer meu nome e quiseram me escutar”⁴⁹, e afirma que “desde então, não parei mais de falar aos brancos”, seguindo com o texto que, de forma pungente e convincente, afirma quem é e o que defende, e indaga aos brancos: “Vocês não entendem por que queremos proteger nossa floresta? Perguntem-me, eu responderei!”⁵⁰:

*Queremos voltar a ser muitos e continuar a viver como nossos antigos. Não queremos virar brancos! Olhem para mim! Imito a sua fala como um fantasma e me embrulho em roupas para vir lhes falar. Porém, em minha casa, falo em minha língua, caço na floresta e trabalho em minha roça. Bebo yãkoana e faço dançar meus espíritos. Falo a nossos convidados em diálogos wayamuu e yãimuu! Sou habitante da floresta e não deixarei de sê-lo! Assim é!*⁵¹

Artigo recebido em 29 de setembro de 2025. Aprovado em 19 de novembro de 2025.

⁴⁹ *Idem, ibidem*, p. 388.

⁵⁰ *Idem, ibidem*, p. 389.

⁵¹ *Idem*.